

NOTAS EXEGÉTICAS
DOMINGO XXXII DO TEMPO COMUM – CICLO C

PRIMEIRA LEITURA (*II Macabeus 7, 1-2. 9-14*): ***“O Rei do universo ressuscitar-nos-á para a vida eterna”***.

Os dois livros dos Macabeus inscrevem-se na época de dominação grega sobre Israel, quando o império selêucida conquistou o Mediterrâneo (séculos II-I aC). Os reis helenísticos impuseram o seu estilo de vida, a sua cultura e a sua religião.

Os judeus opuseram-se frontalmente a estas imposições e começou um tempo de revoltas e violência. O líder mais importante por parte de Israel foi Judas Macabeu, que deu nome aos livros. No relato de hoje lemos a terrível morte que padeceram os irmãos macabeus e a sua mãe às mãos dos selêucidas. E como eles se mantiveram firmes e fiéis a Deus até à morte. A mensagem do autor é que Deus não deixa nunca de ajudar os justos. Deus é o seu defensor.

Há uma progressão nas palavras dos irmãos, dirigidas ao rei antes de morrer: os justos preferem morrer antes que pecar. Além disso, Deus os ressuscitará enquanto os malvados serão castigados. É interessante dar-se conta de como a ideia monoteísta, que se tinha mostrado vacilante durante tanto tempo em Israel, já está totalmente enraizada neste momento histórico, e também como se tinha introduzido em determinados ambientes judaicos a ideia da ressurreição dos mortos.

SEGUNDA LEITURA (*II Tessalonicenses 2, 16-3, 5*): ***«O Senhor vos torne firmes em toda a espécie de boas obras e palavras»***.

No final da segunda carta aos Tessalonicenses, o autor dirige-se a Jesus Cristo, apresentando-O como «nosso Senhor», e também se dirige a Deus chamando-Lhe «nosso Pai». Pela graça de Deus os homens receberam consolo e esperança, que pode dar frutos em obras e palavras boas. O capítulo 3 começa com uma petição na qual se pede a oração mútua, numa clara mostra de solidariedade crista. Pede-se que a Palavra seja difundida para libertar os homens da escravidão provocada pelo mal. Recorda as dificuldades dos primeiros missionários e de sempre para dar a conhecer qual é a Palavra de Deus. Então o autor manifesta a sempre misteriosa ideia de que nem todo o mundo crê.

O v. 3 recorda a fidelidade de Deus que desde sempre acompanha os que confiam n’Ele, fortalecendo-os e velando para que não cometam erros. Os homens hão-de saber manter-se também fiéis a Deus, para amar cada dia mais, ser constantes e não desfalecer no caminho da fé.

EVANGELHO (*Lucas 20, 27-38*): ***«Não é um Deus de mortos, mas de vivos»***.

Os saduceus tomam relevo aos escribas e aos sacerdotes (cf. 20, 19-20) para interrogar Jesus (v. 27). Apresentam-Lhe um caso de manual: primeiro explicam a norma (v. 28), depois põem um exemplo (vv. 29-32) e, finalmente, colocam-Lhe uma pergunta (v. 33).

A resposta de Jesus é dada em dois momentos. Sem dar nenhum argumento, Jesus afirma que os homens se casam, mas que os do tempo futuro não o fazem. Não tem em conta o caso que Lhe colocam porque é capcioso e fixa-se no fundamento bíblico da ressurreição dos mortos, apoiando-Se no *Êxodo* 3 no v. 27, acrescentando uma afirmação pessoal no v. 38.

Esta controvérsia é a última de uma série que tinha começado quando Jesus chega a Jerusalém e entra no templo (cf. 19, 45). É própria da literatura rabínica quanto à forma dialogada, polémica e escolar do judaísmo antigo, porque os saduceus não contradizem directamente Jesus mas fazem-Lhe uma pergunta. Lucas toma o relato de Marcos e reescreve-o, apresentando uma versão original e autêntica do episódio.

Na perícopa de hoje, Lucas diz claramente ao começar, que os novos interlocutores de Jesus são os saduceus, descendentes de Sadoc, um dos principais sacerdotes activos durante o reinado do rei David. É a única passagem de Lucas onde aparecem, pese a que apareçam no princípio e no final do livro dos Actos. São sempre apresentados como adversários da ressurreição, oponentes de Jesus e, depois, do apóstolo Paulo. Apesar de tudo, os saduceus dirigem-se a Jesus chamando-Lhe «Mestre». Primeiro recordam as palavras de Moisés, a Lei escrita (cf. *Deut* 25, 5; *Gén* 38, 8) e expõem-Lhe a história de uma mulher que se casava sucessivamente com sete irmãos por causa da defunção sucessiva destes. Trata-se da lei do levirato, que pretendia oferecer ao homem uma descendência sem sair da família e que queria impor a monogamia. Quando os sete homens ressuscitarem não poderão ter a mesma mulher.

Na sua resposta, Jesus afirma decididamente a fé na ressurreição. Lucas põe em relevo a novidade da vida dos ressuscitados em relação com a existência terrena. Jesus indica que se tratará de uma participação na vida de Deus, não uma simples reanimação do corpo cf. *Mc* 12, 18-27; *Mt* 22, 23-33). Os que ressuscitarem identificam-se como filhos de Deus, em sintonia com a mentalidade do povo de Israel e, portanto, participam da vida divina. Jesus cita a passagem da sarça-ardente, que não se consumia (cf. *Êx* 3, 1-6) para reafirmar a fé na ressurreição. O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob é um Deus criador, protector e salvador. Por isso existe a fé na ressurreição dos mortos porque homens e mulheres vivem para Ele.

Mar Pérez,
in *Misa Dominical*,
Barcelona 2019/14,
traduzido por Marques Pereira